

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 22

DOMINGO - 8 de Novembro de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

A concorrência, a luta pela vida, a lei da selva. Um passo mais no caminho tenebroso apenas para isto: um bocadinho de pão, um pouco mais de segurança. A vida escorrega ingloriamente. Que é daqueles belos sonhos da juventude? A sociedade empenha-se em que todos esses belos sonhos caiam por terra e sejam substituídos pela «realidade prática» isto é pela engrenagem de triturar almas e corpos de forma a torná-los terra imprópria para se plantar um sonho. O efêmero vem para primeiro plano; o essencial jaz, de algemas nos pulsos, na obscuridade. Grandes são Manuel dos Santos, Fernanda Peres, Travaços. Trabalha-se diariamente horas extraordinárias (para um bocadinho de pão) e super-extraordinárias (para um bocadinho de pão com manteiga...). A engrenagem de triturar corpos e almas funcione com espantosa eficiência.

...Mas enquanto houver braços construindo uma vela branca; enquanto o sacrifício continuar alimentando a estrelinha de manhã—devo ter esperança e encarar, como um mal transitório, os pedaços do meu vestido de luz rasgado pelas urzes do caminho.

Apontamento

«São nove horas. Vamos, minha senhora, vista o seu roupão carmeim, aconchegue-se bem e abra as janelas de par em par, mergulhe os seus olhos no dia que nasce. Depois, saia um pouco, ofereça à sua pele o beijo suave deste sol que parece feito de propósito para exaltar a sua graça, a sua juventude, minha senhora. E enquanto se envolve no seu roupão carmeim escute uma canção que lhe é oferecida pelos produtos de beleza X...»

Com vista ao Prof.

Botelho do Amaral

Artistas portugueses cantando em espanhol, em francês, em inglês, continuamente, em ondas sucessivas. Mas então, meus senhores, sois ou não sois portugueses? Mas então viveis ou não viveis em Portugal? Mas então é ou não a nossa língua uma das mais ricas do mundo? Mas então?

No Concurso Nacional DE TRABALHO

Vila Real de Santo António obteve três classificações

No Concurso Nacional de Trabalho, promovido pela Secção de Camaradagem da Mocidade Portuguesa, realizado em Lisboa, Vila Real de Santo António marcou uma posição de relevo, pois, além de ser a única representante do Algarve, viu os seus concorrentes premiados e enquadrados dentro dos que têm a sorte de possuir, na sua terra, Escolas Comerciais, Industriais ou Técnicas.

Além de António Aguedo Afonso Gomes, da firma Manuel da Silva Noy, que como noticiámos, conquistou o 1.º prémio da Secção de Rádio Montador, obtiveram também prémios, Vitor Santos Brito, do Centro de Adaptação ao Trabalho (Secção de Marceneiro), e Alexandre da Purificação Libório, da Fábrica Parodi (Secção de Frezador).

PORTUGAL NO MAR

Prossegue a renovação da MARINHA MERCANTE

E DA FROTA DE PESCA

EM PLENA campanha eleitoral, quando aos nossos ouvidos se repetem monotonamente as palavras «liberdade» e «democracia» que as durezas da vida de hoje e a experiência social entre os povos latinos converteram em termos e preceitos anacrónicos sem significado proveitoso para o bem comum, entrou no Tejo, comboiado pelo seu irmão gémeo, o «Vera Cruz», o novo paquete «Santa Maria», de 19.000 toneladas.

Em verdade nenhuma réplica falada ou escrita pode melhor defrontar o alarido desconcertante que por aí vai soldado por homens que, mais ou menos, tem o seu quinhão de responsabilidade nesse sombrio período histórico nacional que decorreu de 1910 a 1926 e no qual não é possível verifi-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

RECORDANDO...

UMA VIDA QUE FOI UM EXEMPLO DE CORAGEM E ABNEGAÇÃO

5 DE NOVEMBRO DE 1951

CONTARAM-SE dois anos, na passada quinta-feira, sobre o trágico naufrágio que sofreu o caíque olhanense, «Maria da Encarnação».

Este barco é, por assim dizer, uma recordação das lides piscatórias dos tempos idos. Quantas embarcações destas não enchiam de pescada e de goraz o mercado de Lisboa? E quantas não atracavam ao Bate-Estacas, por volta de fins de Setembro, fornecendo a vila de peros de S. Martinho? Tudo muda e se substitui. Lentamente, os mestres dos caíques mudaram o rumo às suas vidas e a frota foi desaparecendo. A's épocas de escassez de pesca e à criação dos

O MARQUÊS DE CUEVAS RESPONDE AO VATICANO

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

COMO foi neste acolhedor «Notícias do Algarve» que me dei a relatar a musical aventura decorrida com o célebre Marquês de Cuevas, nos termos que os leitores assim conheceram, é aqui também, já agora, que lhes darei parte do que acabo de ler, sob o título acima, como desfecho da festa monumental que o titular milionário deu em Biarritz à multidão mundial elegante ou principesca à qual dirigira um apelo, como se fôra para uma cruzada medieval... — uma cru-

Dr. Fernando de Aragão Barros

Concluiu a sua formatura na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, com brilhante classificação, o sr. Dr. Fernando José Pacheco de Aragão Barros, filho da sr.ª D. Maria Fernanda Pacheco de Aragão Barros e do nosso prezado amigo e assinante, sr. José de Aragão Barros, conceituado proprietário e agente bancário em Olhão. As nossas felicitações.

zada estética agora, contra a qual como se houvera sido uma ofensiva de escândalo, se levantou, inepante, a toda a altura, o *Osservatore Romano*, conforme a imprensa geralmente noticiou.

Ora, visado assim nos seus brios e no seu intuito generoso, como se algum criminoso houvera sido, o Marquês responde agora no hebdomadario *PARIS-COMOEDIA*, (n.º 36 — de 7 a 13 de Outubro).

Assim, à insolência do órgão oficial do Vaticano que se exprimira nestes termos: «O Marquês de Cuevas insultou a cristandade realizando uma orgia pagã, imoral e barbaresca. Graças a capitais mal adquiridos, ele permitiu-se gastar seiscentos milhões para zombar da miséria. Não se tem o direito de rir diante das lágrimas, nem de insultar a dor. Aqueles que não podem nada exigem pelo menos que não os provoquem. E no dia em que a vingança se desencadear, ninguém poderá censurar a crueldade daqueles que sofrem em silêncio.» — opõe agora o Marquês, com serenidade, a sua resposta cabalmente justificativa:

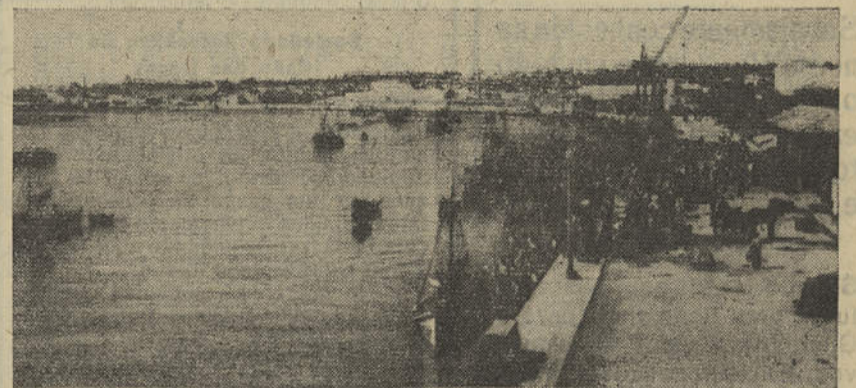
«Traduzido em inglês, alemão e chinês, este artigo valeu-me centenas de

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

Feira de Portimão

Realiza-se nos próximos dias 11, 12 e 13 a tradicional feira de S. Martinho, em Portimão, a mais importante do Barlavento do Algarve.

Quer pela importância industrial da encantadora cidade do Arade, quer pela riqueza agrícola não só do seu concelho como de toda a região que serve, esta feira reúne habitualmente um extraordinário número de visitantes, revestindo-se de grande interesse, tanto comercial como de diversão.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

PORTIMÃO

DE QUANDO em quando úteis melhoramentos são introduzidos na nossa cidade, quer por iniciativas particulares, quer pelo comércio ou entidades administrativas do nosso concelho. E' incontestável que se tem progredido no programa de renovação do aspecto da cidade, mas certo é, também, e infelizmente, que ainda muito há a realizar nesse sector.

Nesta leve nota não nos assiste a intenção de criticar ou adular sem inteiro conhecimento da causa. Portanto, as nossas razões são inteiramente justas e porque se nos depara oportuno, referir-nos-emos a diversos factos que são outros tantos males para o renome da nossa cidade e que constituem motivos de inteiro desagrado para todos. Esperamos, assim, que a

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)



Eng. Sebastião Ramires

O MOMENTO POLITICO

Na sessão de propaganda eleitoral, realizada em Faro, fizeram-se afirmações de interesse PARA A NOSSA TERRA

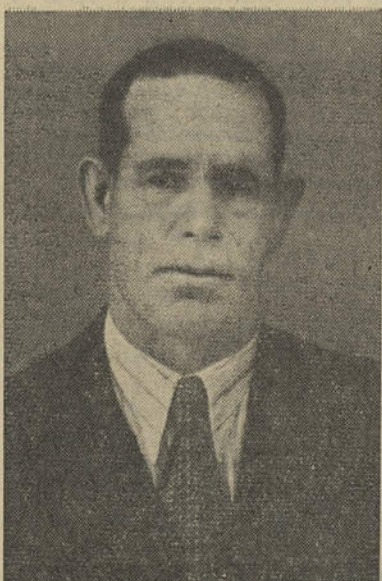
Ou todos nos unimos, e todos não somos de mais, ou, se estivermos desunidos em questões estereis o tempo será inutilmente perdido...

SEBASTIÃO RAMIRES

PONDERADAS as palavras serias, justas e eloquentes em defesa dos interesses do nosso Algarve que muito tem recebido em auxilios do Governo da Nação, calou-nos como algarvios e vilarealenses o elogio esplendoroso feito pelo candidato deputado, sr. Eng.º Sebastião Ramires, do grande Ministro Duarte Pacheco e as palavras de amparo moral e de enaltecimento à nossa terra, bem como o cuidado de focar o grande problema local que é o seu Porto e em especial a Doca de Pesca.

De facto se ligarmos as convenções político-sociais e abandonarmos os interesses mes-

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)



Mestre Carlos Augusto Cativo

UM ACTOR ALGARVIO

António Pinheiro

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número publicaremos a segunda parte deste artigo do nosso ilustre colaborador sr. Eng. J. Silva Carvalho.

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

A impossibilidade de exportar frutas secas PARA O BRASIL

COMO já se verificou o ano passado, também este ano Portugal não poderá exportar frutas secas para o Brasil, para consumo durante as festas do Natal. Não percebemos esta discriminação que tanto afecta a economia do País e particularmente a economia da nossa provincia. Já o ano passado os exportadores, que tinham a sua mercadoria embalada e rotulada, sofreram grandes prejuizos, vendendo-se nas ruas de Lisboa, a baixo preço, pacotes de figo que ostentavam, entrelaçadas, as bandeiras dos dois países.

E se já é muito grave a circunstância de não podermos comparecer com os nossos frutos nos mercados brasileiros, mais grave se nos afigura ainda o facto de esta ausência ameaçar prejudicar a posição de outros produtos portugueses no mercado brasileiro — segundo comunicação da Agência ANI.

Mercado que foi esplêndido para as nossas conservas e em especial para o biqueirão anchovado, e que praticamente se fechou, encerra-se agora também para as nossas frutas secas, uma das grandes riquezas da nossa provincia.

Esperemos que as entidades responsáveis façam as diligências precisas para que tal estado de coisas se modifique a nosso favor.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República - Telefone 12

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Provincia e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferencia.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

Ao Comércio

Indivíduo apes., educado, longa prática comercial, fanqueiro, oferec., para empregado balcão, viajante ou lugar compatível, em casa de movimento. Cede refer.

Resposta: Armandino Simão — Portimão.

Noticiário da Provincia

PORTIMÃO

Feira de S. Martinho

Aproxima-se a data da feira de S. Martinho, encontrando-se já a funcionar no recinto a ela reservado, uma pista de automóveis. Já se iniciaram os trabalhos de electrificação e embelezamento do recinto, chegando constantemente camionetas e os mais variados meios de transporte peçados de diversos materiais.

A feira que se realiza do dia 11 a 18 do corrente mês, promete revestir-se de grande animação e valiosas transacções, dado ser esta uma das maiores Feiras realizadas na nossa provincia. Não faltarão os divertimentos do costume e a natural algazarra dos alto-falantes a espalharem anúncios pela feira e música estridente para «animar a conversa»; lá estarão as «panelinhas» que as boas donas de casa nunca prescindem... e muitas outras coisas.

«Noticias do Algarve» fará um resumo circunstanciado do acontecimento em ocasião oportuna.

Movimento da Lota

Atingem mais de 100 contos o total das vendas efectuadas na lota de Portimão, durante o mês de Outubro.

Nota-se, pois, leve melhoria em relação ao mês anterior.

Mercado Mensal

No passado dia 2, realizou-se nesta localidade o mercado de Novembro que registou extraordinária concorrência e onde se fizeram valiosas transacções.

Novo Estabelecimento

Mais um novo melhoramento foi inaugurado ultimamente e que bastante vem valorizar o aspecto da arteria onde se situa: a Rua Dr. António Cândido, 25 e 27. Este empreendimento de que resultou surgir a público um amplo estabelecimento com enorme fachada a marmorite e algumas montanhas, deve-se à orientação criteriosa dos sócios da firma Papelaria e Livraria Algarve, Lda. que dotam assim o comércio local com o melhor dos estabelecimentos do ramo e a quem desejamos longas prosperidades, felicitando-os pela sua iniciativa.

Quanto a futebol...

O Portimonense disputou no passado domingo um encontro com o Desportivo de Beja, do que resultou um empate a 2 bolas. Embora qualquer das equipas não tivessem demonstrado superioridade no encontro, decorrendo normalmente e sem grandes lances a apontar, salientamos, contudo a equipa do Desportivo que mostrou mais capacidade e domínio do esférico.

Hospital da Misericórdia de Portimão

Relativamente ao mês de Setembro, foram prestados 1096 serviços neste hospital, 155 dos quais foram consultas, 675 pequenos tratamentos, e outros tais como: operações, 17; tratamentos de urgência, 90; radiografias, 22; 43 análises e 11 intervenções de pequena cirurgia. Entraram durante o mês 58 doentes e faleceram 3.

Sociedade Recreativa do Chão das Donas

Com a presença da maioria dos seus associados e respectivas famílias, foi há dias inaugurada oficialmente esta Sociedade Recreativa, criada há três anos por um grupo de pessoas bem intencionadas e amigas da sua terra, cuja ideia fructificou dando agora lugar a esta manifestação oficial.

A sede da referida sociedade é composta de salão de baile, bufete, gabinete da direcção e lavabos e na sua construção bastante contribuiu o espírito orientador dos seus dirigentes.

Composta a mesa da presidência foi aberta a série de discursos pelo sr. António Candeias do Poço, presidente da Assembleia Geral e sócio fundador, tendo-se seguido no uso da palavra a sr.ª D. Maria Joana de Azevedo Coutinho, madrinha do Clube, e o sr. professor Evangelista Rosado Nunes em serviço no Chão das Donas, tendo as suas dissertações sido vibrantemente aplaudidas pela assistência presente. Terminadas as cerimónias, foi servido um finíssimo «porto de honra» a todos os convidados, numa das dependências do clube.

Prestou valiosa colaboração a esta festa a «Orquestra Miami», desta cidade, animando um baile que se prolongou até tarde.

A imprensa esteve representada nesta manifestação recreativa — c.

FUZETA

Inauguração do Centro de Assistência

Com a assistência do sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, ilustre Governador Civil do Algarve, que estava acompanhado pelos srs. Comandante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Central da Casa dos Pescadores, Eng.º Sebastião Ramires e Dr. João Ameal, candidatos a deputados pela nossa provincia, Comandantes Newton da Fonseca, Henriques de Brito, Justiniano do Nascimento e Joaquim Cortes Carrasco, capitães dos portos, respectivamente, de Lisboa, Vila Real de Santo António, Olhão e Portimão, realizou-se, no passado domingo, nesta localidade, a cerimónia da inauguração do edificio em que ficaram instalados o Centro de Assistência e o Posto de Puericultura, e que constituem mais uma das muitas e notáveis realizações da Junta Central da Casa dos Pescadores.

Numa sessão solene que teve lugar à entrada do novo edificio, usaram da palavra o capitão do porto de Olhão, Comandante Justiniano do Nascimento, e o pescador João de Oliveira Júnior, que teve palavras de sincero reconhecimento para com o sr. Comandante Tenreiro e a sua obra, verdadeiramente notável — e que este distinto oficial agradeceu, tendo explicado quais os serviços que ficavam a funcionar no novo edificio.

A série de discursos foi encerrada pelo sr. Governador Civil de Faro, que, seguidamente, procedeu à inauguração do edificio. — c.

ESTOI

Inauguração de uma Escola e Capela

Com a presença de S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve, e dos srs. Presidente do Município de Faro, Manuel Pereira Milreu, Director do Distrito Escolar Virgílio Ferreira Fagulha, Pároco da freguesia, Manuel Bárbara, crianças das escolas e muito povo, inauguraram-se no dia 31 de Outubro no sítio de Azinheiro, freguesia de Estoi, concelho de Faro, uma capela e uma escola do Plano dos Centenários.

Após bênção da capela e missa inaugural em que falaram S. Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo, e Rev.º Pároco, procedeu a bênção e inauguração da escola.

Na mesma realizou-se uma sessão solene, presidida pelo ilustre Prelado e usaram da palavra, o Director Escolar, Presidente da Câmara e Pároco da freguesia. A sessão foi encerrada por S. Ex.ª Rev.ª e todos os oradores, sempre aplaudidos, fizeram afirmações de caracter religioso e político, pondo em destaque a obra do Estado Novo e a impossível separação da escola e igreja que, mãos dadas, têm dilatado a fé e a cultura portuguesa.

Festa simples mas de um simbolismo a toda a prova benéfico e de alto valor.

Agradecimento

Francisco dos Santos, e seus filhos, vêm muito reconhecidos, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela saúde e se dignaram assistir ao funeral de sua muito querida e saudosa esposa e mãe — Maria do Carmo Salas — e receando incorrer em qualquer falta, embora involuntária, vêm por este meio repará-la, protestando a todos o eterno e perdurável agradecimento.

Sítio das Hortas, 2 de Novembro de 1953.

Assinal «Noticias do Algarve»

Cuecas, camisa ou pijama, do que é que precisa mais?
A «Viresa» criou fama produzindo artigos tais...

CONFECÇÕES

Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NÃO SOFRA MAIS DE HERNIA

NAO USE MAIS A SUA FUNDA

QUE LHE PROVOCA O AUMENTO DAS HERNIAS DEIXANDO-AS
ESCAPAR SEMPRE QUE TOSSE ESPIRRA OU SE MOVIMENTA

FAÇA A SUA VIDA NORMAL

USANDO A FUNDA

BARRÈRE DE PARIS

SEM MOLAS E SEM PELOTAS

GARANTIA DA CONTENÇÃO PERFEITA DAS SUAS HERNIAS
COM A MAIOR COMODIDADE E SEGURANÇA

APROVEITE A PASSAGEM DO ESPECIALISTA BARRÈRE EM

FARO - FARMÁCIA HIGIENE

NO DIA 14 DE NOVEMBRO

PARA ENSAIAR GRATUITAMENTE OS MAIS MODERNOS MODELOS

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS N.º 29

LISBOA - INSTITUTO BARRÈRE DE PORTUGAL
RUA NOVA DA TRINDADE, N.º 6-1.º

Notas da Actualidade Médica

[CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA]

remédio obedeceria aos seguintes requisitos:

- 1.º — Que produzisse o efeito desejado;
- 2.º — Que não exercesse efeitos tóxicos;
- 3.º — Que produzisse efeito no momento exacto da operação;
- 4.º — Que esse efeito desaparecesse horas depois de terminada esta ou logo que deixasse de ser administrado.

A tarefa, como se vê, não é fácil. A pressão sanguínea depende não só do impulso, mais ou menos enérgico, dado pelo coração em cada uma das suas contracções, mas também, de certo modo, das paredes dos vasos que, movendo-se devido a estímulos nervosos, ajudam a impulsionar a corrente sanguínea. A pressão arterial é, assim, regulada em parte pelo coração e em parte por estes estímulos que, dos centros nervosos, chegam às paredes dos vasos, fazendo-as contrair com maior ou menor intensidade. Isto quer dizer que, apesar do impulso cardíaco, poderia baixar-se a tensão arterial se houvesse maneira de modificar o ritmo destas contracções nervosas. Pois, levando em conta o que também os gânglios representam neste caso, encontrou-se, finalmente, um preparado que obedece a todos os requisitos desejados.

Atendendo ainda à pressão sanguínea, chegou-se também à conclusão de que, se — ao mesmo tempo de que se emprega o novo medicamento — se baixar para o lado dos pés (quando se trate de operações na cabeça ou na zona acima do coração) a mesa operatória, o perigo da hemorragia é nulo. O medicamento diminui a pressão do sangue — e a posição da mesa, por sua vez, contrariando a força da gravidade, não deixa o sangue subir com a violência habitual.

Talvez haja quem pense que o novo medicamento virá a curar o doente que sofre de hipertensão. Mas, por enquanto, ainda não. Usado apenas na altura da operação e com os devidos cuidados, não é nada perigoso; usado, porém, com continuação, tornar-se-ia nocivo. Não é, todavia, impossível que, baseando-se no mesmo principio, os

AGENDA

Movimento da Lota
de Vila Real de Santo António
de 30 de Outubro a 5 de Novembro:

Traineads:	
Flor do Sul	32.190\$00
Liberta	31.700\$00
Raulito	30.095\$00
Flor do Guadiana	25.395\$00
Leste	25.370\$00
Norte	23.920\$00
Maria Rosa	19.780\$00
S. Domingos	12.190\$00
Janita	9.865\$00
Tufão	8.740\$00
Persistente	7.560\$00
Total	226.805\$00

Cercos:	
Amazona	12.315\$00
S. José 3.º	990\$00
Total	13.305\$00

Movimento de Navios no Porto
de Vila Real de Santo António
de 31 de Outubro a 6 de Novembro

Entraios:
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, com adubo.
Saídos:
DÉLIA, Alemão, para Sevilha, com cortiça.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Novembro a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro:
As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

Concurso Artístico

A associação mutualista de Coimbra «A Providência Portuguesa» abriu um concurso entre os artistas portugueses para a sua insígnia associativa, instituindo os prémios de 1.200\$00, 800\$00 e 500\$00, para os três melhores trabalhos apresentados até 30 do corrente mês de Novembro.

As bases do concurso serão enviadas por aquela associação a quem as solicitar.

químicos consigam achar, dentro em breve, um preparado com os mesmos efeitos, mas livre já de quaisquer perigos.

O que é certo é estar, enfim, pôs de parte o maior pesadelo dos operadores. Por isso já se diz mesmo que a nossa época é a da «cirurgia sem sangue».

Foi inaugurada nesta vila

a Clínica de Sto. António

CONFORME noticiámos, teve lugar no passado domingo, dia 1 do corrente, a inauguração da Clínica de Santo António — Casa de Saúde e Repouso — que superiormente dirige e orienta o médico cirurgião Dr. Albano de Lencastre, distinto operador e ex-assistente da Universidade de Coimbra.

As suas instalações, bastante amplas, ficam próximo da Mata Nacional.

A boa vontade do seu director, que não se poupou a esforços para dotar a nossa vila com uma casa de saúde onde serão sempre bem recebidos os que não tiverem possibilidades financeiras para o seu tratamento, com a mesma atenção e carinho dedicado aos que podem corresponder, auxiliará assim os que precisam.

Ficámos bem impressionados com a descrição com que o sr. Dr. Albano de Lencastre teve a amabilidade de nos elucidar, mostrando-nos as suas instalações: Enfermarias, destinadas a ambos os sexos, assim como os quartos particulares, que reúnem todas as condições de higiene e conforto, a sala de operações, com modernos aparelhos de cirurgia, bastante ampla e bem preparada para o fim a que se destina.

Aos convidados que assistiram á inauguração foi servido um porto de honra.

O sr. Dr. Albano de Lencastre agradeceu a presença de todos os visitantes e historiou o quanto foi acarinhado por todas as pessoas de boa vontade, para conseguir, em tão pouco tempo, inaugurar a Clínica de Santo António, que todos os algarvios, devem ter orgulho em manter na sua província.

XIII-O MUNDO MARAVILHOSO DO ÁTOMO

A cisão ou fissão do urânio e a reacção em cadeia

pelo Capitão ANTÓNIO GONÇALVES

1 — A cisão do urânio — No ano de 1934, o físico italiano Henrique Fermi, ajudado pelos seus colaboradores, resolveu proceder, na Universidade de Roma, ao bombardeamento sistemático com neutrões, de todos os elementos conhecidos até então.

Ao operarem como o urânio, verificam a produção de uma mistura complicada de elementos radioactivos artificiais. Até aí as reacções nucleares davam sempre elementos de número atómico vizinho do elemento bombardeado. Fermi emitiu, então, o parecer da descoberta de radioelementos de peso atómico superior ao do urânio, elemento que nessa altura ocupava a última casa do quadro de Mendelejeff.

As propriedades das pequenas quantidades de elementos libertados não deixavam porém prever que se tratasse de elementos transurianos, porquanto, de acordo com o princípio do quadro de Mendelejeff, previam-se, para esses elementos, propriedades diferentes.

A fim de explicar estas anomalias, que foram confirmadas em França por Irene Joliot Curie e Savitch, e na Alemanha por Hahn e Strassmann, a química alemã Mademoiselle Nodack, emitiu a hipótese da cisão do núcleo do urânio, dando dois núcleos de massas aproximadamente metade da do núcleo bombardeado.

Esta ideia era tão revolucionária que não teve aceitação.

Em 6 de Janeiro de 1939, apareceu na revista alemã «Naturwissenschaften» um artigo da autoria de Hahn e Strassmann resumindo as suas últimas experiências, onde sugeriam que na realidade os pretendidos elementos transurianos não eram mais do que elementos de peso atómico médio, e, com toda a reserva, emitiam a hipótese da cisão do núcleo do urânio.

Hahn comunicou este facto,

por carta, á professora Lisa Meitner, sua antiga colega, que se havia evadido para a Dinamarca, sob o advento do nacional socialismo. Esta trabalhava em Copenhague, no laboratório de Nils Bohr, a quem comunicou a notícia, por telegrama, para a América, onde este sábio se encontrava, de visita á Universidade de Princetown.

Dando conhecimento deste facto aos seus colegas, entre os quais se encontravam Einstein e Fermi, como refugiados políticos, foram imediatamente alertados os laboratórios, e as investigações orientam-se neste sentido.

Poucas semanas mais tarde era obtida a confirmação da cisão do urânio, por Frederico Joliot, em França, e por Lisa Meitner e seu sobrinho, Otto Frisch, igualmente refugiado, na Dinamarca. O próprio Hen-

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

FÉRIAS NA SERRA...

POR RODRIGUES PENA

PASSEI ultimamente uns breves dias numa dessas aldeias escondidas nas profundezas da serra, ignorada das gentes e do mundo. Observei, pois, a vida que aí ainda se vive: rudimentar e primitiva. Os efeitos das Revoluções Industriais que transformaram a vida da sociedade, impulsionando todas as forças produtivas, mal aí se notam.

A única coisa existente moderna é o caminho de ferro, e essa, já conta umas boas dezenas de anos, como todos sabemos. Isto não quer dizer que essa aldeia, como tantas outras, ficasse impermeável aos resultados do progresso. As resacas que se soltam no nosso mundo agitado até nessas «terras do sem fim» se fazem sentir, embora com débil intensidade. Não sei se o homem que aí vive, agarrado como o musgo á pedra, se apercebe das agonias e estertores em que, está mergulhando com ingloria e infortúnio o nosso velho mundo.

Nem todos os crepúsculos oferecem beleza aos olhos dos homens — e o occaso que se nos oferece hoje, é mais dramático do que empolgante. Quem um dia, saído do tumulto da cidade, esquecido

dessa existência infrene e nervosa dos grandes centros, ignorante das perturbantes notícias que os rotativos nos levam ao domicilio, se enterrar num desses logarejos, dá então conta das diferenças e das contradições que encerra a nossa civilização.

A vida ali é mais simples, sem deixar, no entanto, de ser tão barbara como nas cidades.

Se a vida toma em todos os lugares a feição de luta, verifica-se que só os aspectos dessa luta variam. E num mundo onde escasseiam perspectivas e oportunidades, e o homem é solicitado unicamente pelas necessidades fundamentais e primárias, a luta pela existência reduz-se a um círculo acanhado de ambições. O nosso aldeão é sóbrio, não por tendência ou instinto — é sóbrio porque a sua vida económica o obriga a um passadio mesquinho. Os filósofos e sociólogos que pretendem ainda afirmar a imutabilidade das coisas e instituições, têm aí terreno propício para as suas especulações fastidiosas e inúteis. Não há dúvida que a felicidade do indivíduo está na razão das suas aspirações e horizontes sociais. E quem diz felicidade, pode dizer inconformismo. A luta na cidade assume aí mais complexos e agudos aspectos. A ferocidade da luta não é menor, o seu âmbito é muito mais largo, já que a arena é mais vasta. Até os nossos dias o problema da insatisfação humana ainda não foi satisfatoriamente resolvido. Nem nos parece que o seja com as especulações filosóficas, embora tenhamos muito apreço por essa qualidade de gente.

A civilização, criando abundantes fontes de riqueza e oferecendo ao homem as promessas dos seus frutos, não fez mais do que aguçar o apetite das multidões famintas e exasperadas. O nosso mundo já deu este paradoxal quadro: a ostentação da abundancia e fartura perante uma multidão impotente para usufruir. Alguns atiram sobre a civilização as suas iras e suspiram por esses dias de tranquillidade passados no remanso da generosa sombra de uma árvore, sem se lembrarem que no nosso mundo civilizado ainda se en-

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

ATRAVÉS DO PASSADO

PARADOXOS E CONTRADIÇÕES

QUE a vida humana é feita de contrastes é lugar comum entre sábios e ignorantes. Só os seres fundamentalmente tacanhos o desconhecem.

Há dias, ou semanas, num crescente segregar de recordações amareladas pela fúria de dezenas de anos terem passado sobre elas, comecei a evocá-las nas colunas de uma gazeta que me é simpática.

Essas recordações ia-as eu desfiando como pecados mortais do passado, quando a mocidade estuante de um algarvio procurava nos vastos domínios africanos as lendárias minas de Salomão...

Quando o sétimo pecado mortal, que os fabricantes de fitas cinematográficas chamam episódio ou jornada, devia aparecer á luz do dia e do jornal, apareceu-me em casa uma carta do redactor principal dizendo-me que o sétimo pecado não podia ser publicado.

Não ri nem chorei. Contentei-me em ler a carta e o original devolvido.

Para esquecer o incidente e equilibrar os nervos gastos, atirei-me ao Oscar Wilde, o famoso inglês que melhor soube denegrir e exaltar essa raça fria que fica ao norte do Tamisa.

As intenções e os pensamentos desse filósofo inglês são talhadas de superior melão humorístico que um velho português deve comer e degerir...

Talhadas de melão Palha Blanco, caviar imperial russo ou carnudas passas de Malaga? Qualquer destes manjares, temperados por mão de mestre, são musas inspiradoras para um poeta, um filósofo ou um jornalista divagar pelas águas aniladas do Mediterrâneo.

Três dias depois, após um almocinho ladeado de lombo de porco do Alentejo e ameijoas do Algarve, numa fraternidade vinda das remotas eras do Cristianismo, tomei a ini-

POR MARCOS ALGARVE

ciativa de responder ao jornalista profissional que me escreveu no seu estilo conceituoso e veloz.

A minha resposta foi breve e sintética.

Nem outro procedimento era de esperar de uma criatura á beira da campa, pronta a receber, não do Congo mas do Céu, respectiva carta de chamada...

Precisamente no instante em que ia colocar o meu nome na missiva escreva, entra-me em casa um amigo a saber o motivo da demora do artigo sétimo do meu itinerário de África.

— «Leia a minha resposta». E passei-lhe para a mão a folha

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

GAZETILHA

O NOBEL

Todo o mundo que é letrado anda agora abespinhado por causa da concessão feita, ao Churchill que conhecem, de um prémio que só merecem os letrados de eleição.

Dizem forte quantos sabem que prémios assim não cabem a quem é grande, é verdade, mas que, na literatura, do que fez nada seapura que valha a posteridade.

Dizem mais: «Pelas «Memórias»? Ora deixem-se de histórias... Foi, mas foi para agradar ao estadista notável, resistente inquebrantável que fala e sabe falar!»

Nós, que em letras nada somos, opiniões não expomos em caso de tanta monta, mas pensamos: Ai, Jesus! Quadros, «Memórias» e... truz!!! Os guinéus que ele não conta...

BINOCLO

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

PARA SI, minha Senhora

AINDA OS CHAPÉUS MODERNOS

por Noémia Gil Faria

«NÃO USAR chapéu, das cinco á meia noite, quando se assiste a um cocktail ou a um jantar, a uma sessão de cinema, a uma conferência ou a uma peça de teatro, é considerado, neste final de 1953, um crime de lesa-elegância. E cumprir a moda não nos custa nada, porque os modistos e os costureiros criaram, realmente, para estas horas elegantes, chapéus que são pequenas maravilhas» — diz uma conhecida cronista de modas francesa. Na verdade, os chapéus «de noite» são, agora, muito bonitos.

O veludo é o material mais usado para este tipo de chapéu, vindo depois o setim e, por último, a pele. Assim, o chapéu de pele de leopardo ou de lontra, que se usava «para prático», vê-se agora (apenas com mudança de feitio) nas horas elegantes. Um regalo da mesma pele é o complemento indispensável. Muitos destes modelos são guarnecidos com penas, aparecendo também muitos chapéus de veludo com uma pequena guarnição de pele á condizer com o regalo.

Estes chapéus de noite são pequenitíssimos e para os segurar (onde estão tão curtos?) surgtu uma novidade: duas molas de latão, que encerram a cabeça como se fossem garras e fazem parte da forma do chapéu. As cores preferidas para os vestidos elegantes são o preto e

bora não directamente perigosa para o doente — apavorava, ainda, o cirurgião: a hemorragia. Indirectamente, claro, era também perigosa para o doente, além de prejudicar grandemente o operador. Com efeito, quer o trabalho de prender, constantemente, com pinças ou por qualquer outro processo, tudo quanto esguichava sangue, quer este inundando, por sua vez, o campo operatório, dificultavam gravemente a acção do médico, fazendo demorar o tempo da operação e aumentando, assim, o perigo do choque post-operatório.

Tem-se observado que as pessoas com impotensão (tensão baixa) são muito menos sujeitas a que o sangue lhes jorre impetuosamente de qualquer ferida do que as pessoas com hipertensão (tensão alta). Pensou-se, então, em obter um preparado que, baixando a tensão, diminuísse a impetuosidade do sangue ao jorrar e assim reduzisse os perigos da hemorragia. Era, contudo, necessário haver a certeza de que o

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Notas da Actualidade Médica

O NOVO MÉTODO DA "HIPOTENSÃO CONTROLADA"

PERMITE OPERAR SEM O PESADELO DAS HEMORRAGIAS

TODA a gente sabe que as intervenções cirúrgicas são hoje enfrentadas — pelo médico e pelo paciente — com maior serenidade do que aqui há uns 20 anos. E isto porque, havendo sempre algum perigo de morte, este diminuiu consideravelmente, podendo mesmo dizer-se que só uma percentagem mínima de pessoas operadas morre na altura da operação. O que se deve a vários e importantes factores, entre os quais avultam o aperfeiçoamento notável dos métodos operatórios dos últimos anos; a aparelhagem estudada especialmente para cada um dos vários casos; melhores anestésicos e melhores meios de empregar os que já existiam anteriormente; a notável eficácia dos meios desinfectantes, principalmente das sulfamidas e dos antibióticos; o plasma sanguíneo sempre pronto a servir em qualquer sala de operações — e, por último, a preparação cuidadosa do doente por meio de medicamentos adequados, contrabalaçando aquilo que as análises e as chapas revelaram antes da operação. Havia, contudo, uma coisa que — em-

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

ANÚNCIO

O Doutor Francisco Nunes Correia, Juiz de Direito na Comarca de Vila Real de Santo António.

FAZ SABER que no dia 14 de Novembro corrente, pelas 11 horas, à porta deste Tribunal Judicial, se há de proceder à arrematação em hasta pública e primeira praça, pelo maior lance oferecido acima do valor indicado, do prédio que abaixo se descreve, penhorado nos autos de execução sumária que Carlos Martins Elias, casado, industrial, residente em Loulé, move contra Francisco Ildefonso, divorciado, residente na freguesia de Martinlongo.

PRÉDIO A VENDER

Uma courela de terra, com árvores, no sítio do Barranco de João Cavaco, freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, que confronta do norte com António Nascimento, nascente com Manuel Rodrigues, sul com José Guerreiro e poente com José Bárbara e outros, alodial, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo 1.425. e que vai à praça por 29.335,500.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Francisco Nunes Correia

O chefe da Secção de Processos,
Adelino Augusto Miguens Carvalho

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

ANÚNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Francisco Nunes Correia, Juiz de Direito na Comarca de Vila Real de Santo António:

FAZ SABER que no dia 9 de Novembro próximo, pelas 15 horas, à porta deste Tribunal, se há de proceder à arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido, acima dos valores indicados, dos prédios abaixo mencionados, penhorados nos autos de execução fiscal administrativa em que são: — Exequente, A Fazenda Nacional, e executado António Costa, casado, proprietário, residente em Santa Marta.

PRÉDIOS A VENDER

1.º

O direito a 1/10 avos numa courela no sítio da herdade da Amoreira, freguesia e concelho de Alcoutim, confronta no seu todo, do norte com a viúva de Joaquim da Palma, sul com Manuel Cavaco, nascente com António Coelho, poente com António Pereira, inscrito na matriz predial rústica da referida freguesia, sob o art. n.º 5.077, descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.145, no Livro B-17 a folhas 106 v.º, e que vai à praça com o valor de 8.427,500.

2.º

O direito a 1/10 avos numa morada de casas com três compartimentos, ramada e palheiro, sita no Monte de Santa Marta, freguesia e concelho de Alcoutim, confronta no seu todo, do norte, sul, nascente e poente com a via pública, descrito na respectiva matriz predial urbana da mesma freguesia sob o artigo n.º 497 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 7.146 do Livro B-17 a fls. 107, e que vai à praça com o valor de 1.844,500.

3.º

O direito a 1/10 avos numa varzea com árvores, no sítio do Couto do Atalho, freguesia e concelho de Alcoutim, que confronta no seu todo, do norte com Manuel Guerreiro, sul com Luiza Martins, nascente com o Rio Guadiana e poente com José Assunção, inscrito na matriz predial rústica da referida freguesia, sob os artigos n.º 7.901, 6.908 e 6.905 e inscrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 7.147 do Livro B-17 a folhas 107 v.º, e que vai à praça com o valor de 18.841,500.

MAIS se faz saber que ficam por este meio citados os credores desconhecidos do executado para virem à referida execução deduzir os seus direitos.

Vila Real de Santo António, 23 de Outubro de 1958.

Verifiquei: — O Juiz de Direito,
Francisco Nunes CorreiaO Chefe da Secção de Processos,
Adelino Augusto Miguens Carvalho

Este número do «Notícias do Algarve» tem 6 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 25 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DRINA» — 16 de Novembro

«LOCH RYAN» — 3 de Dezembro

«LOCH AVON» — 17 de Dezembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

Para si, minha Senhora

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

o branco e, naturalmente, estas duas cores foram excluídas dos chapéus. Estes usam-se feitos em cores luminosas, o que não é vulgar nesta estação. As preferidas são os azuis fortes e estranhos, indo do «pavão» ao «azul-pescador» e passando pelo «turqueza»; bastantes verdes, alguns dos quais um pouco gritantes, como, por exemplo, o «verde papagaio»; muitos «beiges» e a cor-vedeta-«escama-de-peixe».

As plumas de avestruz, as «aigrettes» e os «paraisos» guarnecem inúmeros modelos, havendo mesmo alguns (como um, lindíssimo, de Rose Valois) completamente cobertos com plumas. Caroline Reboux apresenta um modelo para «cocktail» que é um simples «casco» guarnecido com penas e o modelo enquadra o rosto no estilo dos «niches» de antanho. Gilbert Orsel, a quem foi dado o «Oscar» da moda, apresenta o chapéu «insecto», articulado e tão pequeno que se adapta a todos os penteados. Hubert de Givenchy, em compensação, cobre os seus modelos com pedrarias de cores, dando-lhes um ar verdadeiramente oriental. Maud et Nano apresentaram um curioso feltro, mosqueado, imitando a pele do leopardo, mas com uma maior maleabilidade do que esta. Por último, Svend apresenta o modelo «mise-en-plis», que dá mais a impressão de um penteado do que de um chapéu.

Isto, quanto à moda francesa. Quanto à inglesa, se bem que siga o mesmo critério do chapéu pequeno para a noite, dá-lhe mais altura. Edward Harvane apresentou uns chapéus preciosíssimos, que mais lembram vasos do que verdadeira-

mente chapéus. E Hugh Beresford revolucionou a arte empregando os primeiros «nylons» e guarnecendo chapéus de veludo com palha finíssima como linha. Em vez de penas e plumas, emprega hastes de metal, que dão a ilusão de penas, mas com muita vida e cor. Por último, todos os modistos ingleses apresentam, como não podia deixar de ser, o chapéu-coração, pequenas coroas de veludo guarnecidas com penas, com pérolas ou com pedras brilhantes e coloridas.

Temos, como vemos, os mais lindos chapéus dos últimos anos, com tecidos tentadores, guarnições das mais variadas e feitios que são, realmente, um encanto. E' apenas triste que nos nossos teatros e cinemas seja proibido o uso do chapéu, lei que vem dos tempos dos modelos «roda de carro». Assim, em vez dos lindos modelos de noite veremos apenas nos nossos espectáculos senhores bem e mal penteados, sem a beleza dos veludos, o brilho das pedras, a graça delicada das penas de aves raras, que ficam na caixinha, por entre papel de seda, à espera do jantar ou do «cocktail», que nem sempre vem...

Trespassa-se

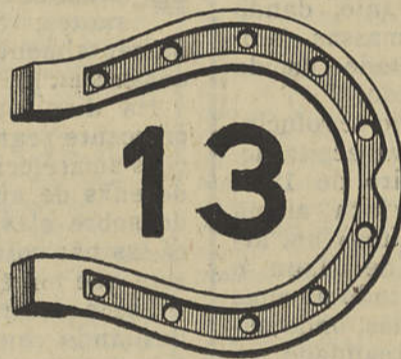
A «Casa Chic», de Portimão, por motivo de retirada. Excelente local e muita clientela.

Rua Dr. António Candido — Portimão.

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,
«Minha Última Marca»
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.º 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTONIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo
27 - Ericelra
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

Através do Passado

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

de papel. Leu-a e comentou: — «Censura e elogia um seu velho e notável amigo por um livro destemperado que escreveu? E' um paradoxo!»

Respondi-lhe com suave simplicidade:

— «A vida é feita de paradoxos e contradições».

Concordou e saiu.

Mandei a carta para o correio, sem lhe explicar o que tinha sido Oscar Wilde dentro da sociedade britânica.

Os conhecimentos deste amigo, literários e filosóficos, não lhe permitiam interpretar o desdobramento do literato inglês na personalidade de um literato português.

A ignorância chega a ser uma virtude para homens que pretendem saber tudo, criticar tudo e tendo a vida, para os outros, uma moral rigorosa e para eles uma moral elástica, tão elástica e descarada que apetece, uma ou outra vez, pedir a S. Francisco que cruze os braços em sinal de zombaria ou de penitência forçada...

Marcos Algarve

Férias na Serra...

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

contra a savana por desbravar.

Foi nessas terras de seco e feroz restolho, nos caminhos solitários dessa aldeia perdida no cerne da serra, que me dei ao luxo de cogitar em todos estes problemas, as contradições e identidades existentes entre o campo e a cidade, neste ano de 1953, e no admirável século da energia atômica. Inútil é dizer que os homens dessas paragens não conheciam o cinema nem a telefonia, e davam pouca importância aos jornais que o correio me levava todas as tardes. Uma vez por outra, conversei com os camponeses e falamos, tu cá tu lá, nos problemas comecinhos do dia a dia. Ingênuos, sem lhes faltar uma solécia impertinente e a finura tradicional do campão, olhavam-me desconfiados, como se trouxesse nas minhas algibeiras o veneno insidioso e pérfido da civilização.

O céu é que lhes fazia a pirraça — não chovia e as terras estavam para ali em descanso, e esperava que mãos solícitas e amigas deixassem cair a semente dos nabos e da ferrã sobre o seu lombo folgado. Bem espreitavam as alturas na ansia desse maná; a chuva. Então, com os chaqueadores, os homens barbudos e risonhos, gracejavam irônica e sombriamente: «Diabo! O senhor teve sorte nas suas férias, bom tempo e sol e farturinha!» Tinham razão, os labregos. E todas as tardes, sem casaco e sem gravata, sem grandes filosofias, lá trepava a um dos cummors mais altos da serra para admirar, em solicitação de anacrônicos desejos de beleza, este espectáculo de um crepúsculo: o sol incendiado e vermelho a rolar nos horizontes, a afundar-se soberba e gloriosamente na linha do poente. E à minha volta, a terra já coberta de crepes, eu sentia sempre a mesma inquietação, a habitual incerteza dos passos duvidosos dum mundo incerto e inquieto, a estertorar-se em espasmos e dores. E descendo a serra, sorvendo o bom ar que me tonificava os pulmões, eu pensava, calma e filosoficamente, em todos os problemas que, de uma maneira geral, preocupam os homens dos nossos dias. No en-

O MOMENTO POLITICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quinhos das popularidades ou de projectos de grandiosidade infundamentais, não se pode deixar de sentir o predomínio do enaltecimento à obra que se estudou e que marcará sempre a era de Renovação social na mística de bem servir e de bem administrar.

Só dessa íntima ligação e da visão clara dos empreendimentos se podem tirar conclusões e marcar a posição construtiva do que pretendemos, mas porque sabemos o que queremos e para onde vamos.

Duarte Pacheco a quem Portugal deve indiscutivelmente o grande projecto e realização da renovação das estradas, das cidades, aldeias e vilas ou lugares e dos seus interesses vitais e a quem, em breve será testemunhado o nosso pleno agradecimento, traçou, riscou e nessa visão indiscutível de obreiro inegalável, não esqueceu Vila Real de Santo António, as suas aspirações e o seu desenvolvimento, que afinal iriam engrossar a própria balança económica da Nação Portuguesa.

Ressalta-nos por outro lado o último plano de fomento que não incluiu, na própria afirmação do sr. Eng.º Sebastião Ramires, e do nosso inteiro conhecimento, o nosso Porto, o que naturalmente sentimos, e bem profundamente.

Mas se analisarmos as palavras do sr. Eng.º Sebastião Ramires que precedem estes apontamentos, nós vilarealenses, não podemos deixar de sentir que a nossa falta de coesão, de bairrismo e tempo perdido com benefício das questiúnculas dos que nada fazem nem deixam realizar, é prejuizo para todos nós.

Não se trata de remar contra a maré, nem muito menos de fazer retroceder a acção desgastadora do tempo, que não perdoa, apesar da era atômica, ou mesmo da máquina e da engenharia moderna.

Trata-se de realçar e valorizar o que a natureza nos proporcionou e não criar de novo muitas vezes com falta de fundamento e prejuizos graves de economias e concepções.

A garantia do orador, que em companhia com os outros candidatos é de certo, a certeza de que para além do plano de Fomento, dentro da justiça e da própria valorização à super visão do malogrado Eng.º Duarte Pacheco, o porto da nossa terra passe a ter o ritmo acelerado nas obras iniciadas com a ampla perspectiva do seu valor comercial e económico da Nação.

É necessário porém, coesão e força de vontade de todos os que sentem, como nós, a garantia do que muito se fez, mas muito há que fazer.

S. A.

Dactilógrafo

Oferece-se ao domicílio, e bem assim para arquivo de correspondência e ficheiro.

Manuel Monchique Ribeiro Alves
Vila Real de Santo António

Telefone 211

tanto, toda a aldeia era uma dádiva de tranquilidade e paz, a paz e tranquilidade que nem sempre existe nos corações humanos.

Rodríguez Pena

Campeonato Nacional da II Divisão

FUTEBOL

HOJE

ÀS 13 horas — Reservas

LUSITANO-SPORT LISBOA E FARO

ÀS 15 horas — 1.ª Categorias

LUSITANO-GRUPO D. DA CUF

ALMADA, 2 — LUSITANO, 0

A equipa do Lusitano deslocou-se a Almada no domingo findo defrontando o grupo local.

Sairam vencedores os visitados que se adaptaram melhor às condições difíceis do terreno, que se encontrava muito lamacento, quase impraticável em certas zonas.

Os golos foram marcados no segundo meio tempo, traduzindo o domínio territorial dos vencedores.

As equipas alinharam da seguinte maneira:

Lusitano: Balbino; Rui e Reina; Rodolfo, Jorg e Sanina; Almeida, Henrique, Pade-ca, Estêvão e Germano.

Almada: Faustino; Gilberto e Carvalho; Fábio, Pessoa Duarte e Ribeiro; Moisés, Mota, Almeida, Viegas e Teixeira.

Consta-nos que a Direcção do Lusitano, entrou em negociações com o treinador sr. Eduardo Augusto, que já orientou algumas equipas da I Divisão, e presentemente, exerce as suas funções em Silves.

O referido técnico assistiu a um treino do grupo, tendo ficado bem impressionado com as suas possibilidades. Fizemos votos para que o assunto chegue a bom termo, crenças das vantagens que o grupo dos encarnados poderia vir a colher.

L. C.

OLHANENSE, 1 — LUSO, 0

O estado do tempo prejudicou o encontro

O Olhanense recebeu no passado domingo o Lusó do Barreiro, cujo resultado foi favorável aos visitados.

Não obstante a chuva, o público acorreu em massa a aplaudir o clube da vila, e em especial os argentinos, e sob a arbitragem do sr. Mário Ribeiro Sanches, de Lisboa, o encontro teve início às 15 horas e 8 minutos.

Olhanense: Abraão; Graça e J. Manuel; Fernandes, Tavares e Dias; Simões, Del Duca, Gomes, Santiago e Arménio. Lusó: Nogueira; Valdemar e Victorino; J. João, António Maria e Moreira; Valente, Lopes, Valério, Travassos e Medeiros.

Logo de início os visitantes lançaram-se ao ataque e numa descida do extremo Medeiros, o Lusó só não marcou por falta de sorte, pois a bola chutada por aquele jogador, bateu na quina da trave, com José Abraão batido.

O jogo teve fases de bom futebol, emocionante, enérgico, entusiasmo tanto nas balizas olhanenses como na dos barreirenses, mas na altura do remate todos receavam chutar.

O Lusó praticou futebol vistoso nesta primeira parte, e tornou-se perigoso algumas descidas de excepcional categoria. O Olhanense parecia estar a jogar confiante na vitória, e as avançadas que levavam à baliza de Nogueira, eram com passes curtos, deixando os adversários se colocarem a tempo.

O segundo tempo foi ao contrário, pois os rapazes do Olhanense empregaram-se a fundo e conseguiram fazer jogadas, onde mereciam dois ou três golos, em remates sucessivos de Del Duca, Gomes e Arménio, criando perigo constante para as redes defendidas pelo excelente guarda-mão Nogueira.

O único golo da tarde foi obtido pelo médio de ataque Francisco Dias, haviam decorridos vinte e oito minutos, num passe excelente do categorizado jogador argentino Del Duca, que este não quis chutar por ver o seu companheiro em melhores condições. Este golo foi sem dúvida alguma primoroso.

Ao fim dos go minutos, saiu vencedor o antigo campeão do Algarve. Talvez o tempo tivesse prejudicado o grupo local, pois são rapazes leves ao passo que os visitantes são bem constituídos. Os jogadores argentinos pela maneira como o terreno se encontrava, não nos deram a noção exacta do que sabem fazer, além disso podemos dizer que o Lusó se defendeu galhardamente, pondo na luta, ardor, valentia e entusiasmo, e apresentou a tática do «ferrólho», também desenhada pelos seus jogadores, que muito custou a vitória dos olhanenses. E' de lamentar que os jogadores do Olha-

nense ao verem a maneira como os adversários estavam a jogar, tivessem insistido no jogo pelo meio do terreno, o que facilitou o trabalho aos defesas contrários, pois podiam muito bem ter feito cruzamentos às pontas — visto estes estarem muitas vezes em condições de receber a bola — e assim talvez se tivesse visto mais futebol da parte do Olhanense. No segundo tempo, os técnicos locais, ao verem como os seus pupilos estavam a jogar, ordenaram-lhes que jogassem pelo melhor, e assim o Olhanense, desenhou com mais facilidade as jogadas.

Sobre os jogadores do Olhanense, diremos que todos lutaram pela vitória do seu grupo, destacando-se na defesa, Tavares, que continua sendo o esteio. Os médios Fernandes e Dias, jogaram bem, pois preocuparam-se de entregar jogo em condições aos avançados; o que não é hábito neles. No sector atacante destacamos, Del Duca, pelas suas desmarcações e pelos seus preciosos passes ao extremo. Arménio, também foi um belo avançado, pois criou bastante perigo. Sobre os jogadores Simões e Gomes, podemos dizer que não preenchem convenientemente os lugares em que jogaram.

O sr. Mario Ribeiro Sanches, fez uma boa arbitragem, à parte a precipitação, que derivou apitar para o fim do encontro.

Olhão encontra-se em festa, pois o Sporting Clube Olhanense, único representante desta hospitaleira vila cubista, está a fazer uma magnífica prova no Nacional secundário. Domingo o clube desloca-se a Beja, afim de defrontar o Clube Desportivo de Beja, estamos certos, vai ser disputado com correcção por ambos os contendores. A dar-se a vitória dos algarvios, o grupo pode muito bem classificar-se para a fase seguinte, pois começa a renascer.

O Sporting Clube Farense foi derrotado pelo Sporting Clube Olhanense, no Estádio Padinha, antes deste encontro, pela margem de 3-2. Ao intervalo a equipa local venceu por 3-0. O Campeonato de Reservas está pois, a despertar interesse geral, que às 13 horas, o campo encontrava-se já repleto. O argentino Bordejo, alinhou pelas reservas do Olhanense e fez uma excelente exibição.

H. V.

Resultados da 7.ª jornada:

Almada, 2 — LUSITANO, 0
Olhanense, 1 — Lusó, 0
Portimonense, 2 — D. Beja, 2
Juventude, 0 — União Sport, 0
S. Domingos, 0 — Farense, 1
C. U F., 2 — Montijo, 0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	7	6	1	—	21-	1 13
Portimonense	7	5	1	1	16-	8 11
Olhanense	7	5	—	2	10-	2 10
C. U. F.	7	4	1	2	17-10	9
Sporting Farense	7	4	1	2	11-15	9
Juventude	7	3	2	2	5-6	8
Almada A. C.	7	2	1	4	7-12	5
Desp. de Beja	7	2	1	4	7-15	5
Montijo	7	2	—	5	9-12	4
S. Domingos.	7	2	—	5	8-12	4
LUSITANO.	7	1	1	5	4-9	8
Lusó	7	1	1	5	8-16	8

Jogos para hoje:

Lusó - Almada
Desp. de Beja - Olhanense
União Sport. - Portimonense
Farense - Juventude
Montijo - S. Domingos



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41 - Apartado 205 - Porto

LUSITANO FUTEBOL CLUBE

Fundado em 15 de Abril de 1916

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

25 de Abril de 1952

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»
Vila Real de Santo Antonio

É com a maior satisfação e grande prazer que vimos manifestar a V. Ex.ª o grande agrado que causou a este clube e seus atletas, o serviço fornecido por V. Ex.ª quando do jantar comemorativo do 81.º aniversário do nosso Clube, realizado nessa Pensão.

Prestamos, pois, inteira justiça e gratidão a V. Ex.ª pela excelência do serviço prestado, motivo, porque, publicamente lhe vimos testemunhar o nosso agradecimento, autorizando que V. Ex.ª faça deste ofício o uso que melhor entenda.

Com os protestos da nossa maior consideração, nos subscrevemos

De V. Ex.ª

Muito Atenciosamente

Pela Comissão Administrativa
a) Manuel Clemente

O MUNDO

Maravilhoso do Átomo

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

rique Fermi chegou à mesma conclusão, na América.

Para se apreciar do interesse despertado no lundo sábio, basta dizer-se que em menos de dois meses foram publicadas mais de quarenta memórias sobre este assunto.

2 — Reacção em cadeia — Alguns meses depois da comunicação feita por Frederico Joliot à Academia das Ciências sobre a cisão do urânio, ele e os seus alunos Halban e Kovarski, demonstraram que a cisão em questão era acompanhada da emissão de neutrões. Esta descoberta era importantíssima, porquanto deixava prever a possibilidade da reacção em cadeia; isto é, a possibilidade da transmutação que dá a cisão, emitir pelo menos um neutrão que dê nova cisão, e assim sucessivamente. Chegados a esta altura, viram-se os físicos na presença de possibilidades prometedoras de desencadear energias fantásticas e não sonhadas até então.

A atmosfera internacional continuava tensa, e os físicos, voluntariamente reconheceram a necessidade de considerar os resultados das suas experiências segredos de Estado.

A partir do começo da guerra, em Setembro de 1939, todas as comunicações sobre estes assuntos foram suspensas e o pano caiu sobre as actividades atômicas, sendo todos os trabalhos nesse sentido rodeados do maior sigilo.

JOSÉ BORGES DA GAMA

MÉDICO

Abriu consultório na
Rua Conselheiro Frederico Ramirez
Consultas às 16 horas
Vila Real de Santo António

Grupo Cénico Gil Vicente

Prosseguem activamente, e com muito entusiasmo, os ensaios deste simpático grupo de amadores teatrais, que é privativo do Glória Futebol Clube. Brevemente deve ser levada à cena, neste simpático clube, a comédia em três actos, «O Senhor Ventura», original de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, e no qual tomarão parte os seguintes amadores:

Vitória S. Ramos, Ana Maria Barbosa, Maria E. Silva, Maria C. Barreto, Marcelina R. Martins, Lisete Silva, Eduardo Oliveira, António F. Mendes, Sérgio Belião, Joaquim Mascarenhas, Manuel Moia, Manuel Ribeiro, José Medel, José Eduardo Farinha, José A. Coelho, Aurélio Bonança, Joaquim Mariano, José Palmata, José Gonçalves e Jaime de Oliveira.

O Marquês de Cuevas

RESPONDE AO VATICANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cartas de insultos ou, pelo contrário, de louvores. Quando digo: valeu-me, não é senão uma maneira de escrever; recebo ainda dez delas por dia. E não é tudo; um jornal católico francês julgou bom, por seu turno, consagrar-me meia página. Eu vim a saber assim, a 11 de Setembro, que o meu baile tinha sido uma «operação de publicidade», uma «esmola de embriaguês ao povo francês», um «impulsor mais insultante que as pornografias», e antes de tudo uma «caïnçada». Quanto a mim, eu era comparado, entre outras gentilezas, ao Marquês do Sade. E fico por aqui...

Não é tudo ainda: no domingo 20 de Setembro, eu ouvi, pela *Chaine* nacional, uma das vozes mais eminentes do alto clero francês, votar às gemonias o «baile de Biarritz».

Diante destes insultos estereis e injustos, o católico fervoroso que eu continuo sendo não pode senão revoltar-se. Porque não se tem o direito de lançar assim o anátema sobre alguém, sem conhecer as razões que o forçaram a actuar.

Estas razões, ei-las, expostas pela primeira vez:

O meu baile custou... suponhamos, um certo número de dólares. Estava longe, todavia, dos números que se propalaram.

Ora por este preço, eu teria podido comprar uma *villa*, ou dois quadros dum mestre, ou quatro carros; e ninguém teria achado nada a dizer.

Eu teria podido repartir essa importância pelos pobres só da Costa Basca: cada um deles teria tido direito a um pequeno almoço, e eu teria sido arrastado pela lama...

Organizei pois a festa de Chiberta. Ou antes, pediram-me que a organizasse.

Com efeito, desde há um ano, diversas personalidades me pediam que fizesse um esforço em favor do prestígio turístico francês. Quando reberntaram as greves, ficando eu isolado de tudo e de todos, essas mesmas personalidades me suplicaram por telegrama especial, que não renunciaria à festa prevista. E este apelo era-me dirigido — cito os termos exactos — «em nome do proletariado»... Eu assinalo, com mira aos redactores do *Osservatore*, que o bispo de Bayonne e o vigário geral estavam ao corrente destas *démarches* e aprovavam-nas.

A festa teve pois lugar: bem mais manifestação artística aliás, que baile... Eu pergunto, de passagem, às pessoas que assistiram a ele, se o perfeito porte dos meus convidados valia que os qualificassem de *caïnçada*.

No dia seguinte, eu tinha a consciência tranquila: sabia, por ter vigiado os últimos preparativos, que o baile permitira a centenas de electricistas, de floristas, de moços de hotel, de cabeleiros e de carpinteiros, o desforrares-se dum temporada que os acontecimentos recentes tinham tornado catastrófica...

Contudo, o sr. Guy Petit, deputado-maire de Biarritz, deu-me um imenso prazer revelando-me que, graças a esta festa, os cinco principais hotéis de Biarritz tinham podido pagar os seus impostos em atraso, e que a quantia que eu consagrara a isso representava para a terra basca mais de um milhão de dólares de publicidade, e, para os operários da região, o afastamento dum inverno de miséria e de privações.

Dias depois recebia eu uma moção assinada pelos srs. Dr. Delay, maire de Bayonne, Dr. Lacroix, maire de Anglet, Alfred Pose, maire de Saint-Jean-de Luz, Pardo, maire de Hendaye, Alchoarena, maire de Bidart, e Celhay, maire de Mouguerre, agradecendo-me o «ter respondido ao seu apelo, escolhendo a sua região para dar a essa brilhante manifestação de arte, apesar das pressões de que eu fôra objecto». Eles sublinhavam o interesse que ela apresentava: em primeiro lugar, «graças à qualidade dos convidados, ao seu porte impecável e ao valor eminentemente artístico do conjunto do espectáculo». Em segundo lugar, «a população laboriosa, pertencente a numerosos corpos de mistério, ocupando milhares de trabalhadores beneficiou largamente do seu pleno emprego no momento em que a temporada turística acabava de ser gravemente atingida. De resto, ela pela sua presença e pela sua correspondência deu numerosos sinais de aprovação».

Infelizmente eu não posso esperar que estas linhas sejam mostradas ao Chefe da Igreja pelos autores do artigo, cujas acusações, segundo a minha maneira de ver, tomam o carácter de uma verdadeira provocação ao assassinato. Eu hei-de ter outros meios de lhe fazer conhecer a minha posição.

Recordando uma data

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

prémio a outro barco que se mostrou igualmente merecedor da máxima vitória!

Rolaram tempos e, em Fevereiro de 1941, quando um medonho ciclone arrasa Portugal inteiro, só um barco suportou a fúria do temporal, em pleno mar, sem perda de qualquer vida — o «Maria da Encarnação». O espanto é tão grande que se deslocam a Olhão pessoas que, à vista de Lagos, o viram ser envolto pelas ondas e desaparecer sob os vagalhões. O destemido mestre, embora ferido, tal como alguns dos seus homens, fez a companhia acreditar num salvamento de que ele afinal duvidava. E se «um forte rei faz forte a fraca gente», a sua força de alma conseguiu robustecer os ânimos desiludidos e o milagre consumou-se. Nos bancos da Terra Nova o caso é comentado e há mesmo quem o suponha ser lenda. Num concurso literário realizado em Lisboa, por uma revista feminina, coube o primeiro prémio a quem descreveu a odisseia do «Maria da Encarnação».

Alguns anos volvidos torna o caïque a ocupar os jornais. Um denso nevoeiro fez perder-se no mar alto uma chata com dois ou três tripulantes. Mestre Carlos sofre rude golpe com o seu primeiro luto a bordo e, em terra, a sinistra morte ceifa-lhe, em curto espaço de tempo, dois filhos na flor dos anos. A dor persegue-o, ronda o seu caminho e a alegria não volta ao seu rosto. O coração bate demasiado, a saúde escasseia; as dores de alma envelhecem-no mas nada lhe enfraquece a audácia nem o intimida.

Eis-nos em 5 de Novembro de 1951: os jornais da tarde dão conta da triste ocorrência e na manhã seguinte, na primeira página de «O Século», liamos a descrição do naufrágio que o roubou ao nosso convívio. Esse destemido olhanense que era um símbolo para a gente do mar, fora vencido pelas ondas alterosas, mesmo em frente da sua que-

Não me resigno a isso senão dificilmente, mas não tenho outra possibilidade de fazer saber a que ponto as minhas intenções foram injustamente falseadas, e os crimes que se me imputam, imaginários.

Não nos enganemos com isto: se eu tivesse sido o provocador ou o insultador da miséria que se tentou figurar-me, eu não teria tido a alegre surpresa de me ouvir aclamar, no dia seguinte ao baile, pelos habitantes dum bairro extremamente popular de Biarritz, que eu atravessava... Eu não teria recebido essa medalha de *vermeil* que os mares bascos mandaram cunhar com o único fim de responder aos meus acusadores. Enfim, não me teriam pedido que organizasse outras manifestações, em Setembro, nos próximos anos, na Costa basca.

Todos estes testemunhos de simpatia consolaram-me um pouco de tantas mentiras venenosas. E-me doce recordá-las aqui, agradecendo-as aos seus autores.

Duas cartas entre todas me tocaram particularmente: uma de M.^{me} Louise Guillet «em nome dos milhares de espectadores da outra margem», e a outra, do sr. Canton, presidente dos Mutuados de Guerra de 1914/1918 e 1939/1945.

Estas duas assinaturas não valem elas por todos os desmentidos e todas as conclusões do Mundo?

Marquês de Cuevas.

Pela tradução, sem comentários, mas com inteiro aplauso,

Francisco Fernandes Lopes

Olhão, 2-Novembro-1953

rida terra. Não houve na Ribeira Nova quem ficasse indiferente a semelhante perda. Os próprios arduas apregoavam os jornais da tarde, recordando que trazia notícias do Mestre Cativo. Tanto a imprensa como os amigos lamentavam que o salva-vidas não houvesse saído, não obstante o valoroso «patrão», Manuel Casaca, ter visto o barco à espera de oportunidade para demandar a barra. Mal vai quando o prazer se põe, às vezes, em primeiro lugar que a obrigação! Quem sabe se a morte do Mestre Carlos se teria evitado?!

Seis dias após o naufrágio, o cadáver deu à costa em Tavira donde o funeral partiu, mais tarde, para Olhão. Romagem piedosa e sentida. Raramente se observa tanta mágoa, tanta desolação, estampadas em milhares de pessoas que o acompanharam! Desde as figuras representativas da terra, (sem esquecer os devotados amigos que se deslocaram de Lisboa, Setúbal, Lagos, Portimão, Fuzeta e Tavira) até ao bravo povo do mar, gente simples e destemida que sulca as mesmas águas pérfidas e traiçoeiras, todos seguiam o féretro compungidos e bisinhos. Morrera Carlos Cativo, filho do Mestre Balé-Balé, outro grande mestre da pesca do alto, já falecido! E esses homens do mar compreenderam, por certo, melhor que ninguém, a manifestação prestada a um homem, também do mar! O porte, a delicadeza, a inteligência e a audácia deste filho de Olhão faziam de cada conhecido seu, um admirador, um amigo!

Há perto dum ano, ouvimos até chamar-lhe em vez de «lobo do mar», «leão dos mares». E quem lhe deu este belo epíteto em Lisboa, numa sessão de homenagem ao Patrão Joaquim Lopes, foi um olhanense distinto que ao mar dedica também a sua actividade: o comandante do Navio-Escola «Sagres», Sena Dentinho, filho desse olhanense de gema que se chamou José António Dentinho.

Perante os factos, o Município Olhanense quis igualmente testemunhar a sua admiração e deliberou, em sessão camarária desse mesmo Novembro, dar a uma rua da vila o nome do herói desaparecido.

Sensata e oportuna decisão a que foi tomada pelos que presidiam aos destinos da terra. E que bem ficaria lermos nomes de mareantes numa vila que do mar nasceu, com o mar progrediu e para ele vive! E a propósito, quando é que Olhão mostrará aos naturais e forasteiros o seu herói máximo — o glorioso Patrão Joaquim Lopes? Já tem o busto dum grande poeta — João Lúcio — mas que bem lhe quadrava o dum filho do mar! Enquanto tal monumento não surja, que ao menos se cuide de homenagear os que sobre as ondas ganharam vulto, pois triste é confessar que certas ruas e travessas ostentam nomes de «desconhecidos», ilustres — não duvidamos — mas que nem nasceram em Olhão, nem a seu favor agiram fosse como fosse.

Acontece, porém, que essa deliberação camarária continua, ao que supomos, sem efe-

PORTUGAL NO MAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

car uma só realização proveitosa para a grei.

Não é sobre palavras e promessas que se pode edificar a democracia, que é, em sùmula, o bem do povo. Com efeito, à democracia é indispensável um esforço constante traduzido em obras que levem ao melhor aproveitamento das riquezas jacentes, tudo tendo como objectivo expresso a elevação do nível geral das condições de vida.

Democracias de miséria, como as que prometem esses pseudo-democratas que nos atordoam os ouvidos, não são democracias, são focos de desordem de que não é permitido esperar qualquer coisa de construtivo.

Poucos dias antes de entrar no Tejo o magnífico paquete «Santa Maria», nos estaleiros da Figueira da Foz, onde esta situação política fez renovar a indústria das construções navais, foi lançado à água um novo vapor pesqueiro, o «Ilha de S. Vicente», e cravado o primeiro rebite para outro pesqueiro do mesmo tipo.

Assim, é num progresso paralelo que vão ressurgindo do zero a que a negligência dos governos anteriores as tinha feito descer, a nossa marinha mercante e a nossa frota de pesca.

E' preciso recordar páginas bem tristes da nossa história económica. Há 30 anos a nossa frota bacalhoeira constituída por velhos veleiros, sem condições de segurança, não trazia ao mercado português a décima parte do seu consumo normal. Hoje traz 80 por cento e não tardará que todo o nosso consumo de bacalhau seja pescado por barcos portugueses. Fizeram-se navios novos, veleiros providos de motor para a pesca à linha, e arrastões mecanizados que pescam por meio de redes, uns e outros construídos com as melhores condições de segurança. E' assim que, hoje, os casos de morte na faina da pesca do bacalhau são raros. Ora o que acontecia antigamente era que em cada campanha de pesca havia sempre vítimas que por cá deixavam viúvas e órfãos sem que o Estado desses senhores democratas ou as empresas exploradoras ligassem a menor importância a tão trágicos acontecimentos. Assim era tratado o povo soberano!

Agora não acontece o mesmo. Melhoradas as condições de trabalho e os salários dos pescadores, as viúvas e órfãos têm uma pensão.

E' pena não haver quem lembre estes episódios da tragédia vivida nos areópagos da oposição!

Carlos Rates

tivação, embora há meses informassem que a pedra estava encomendada e a colocação não tardaria. Por que se arrastaram já vinte e quatro meses em silêncio?

Queira Deus que o Município e a Casa dos Pescadores olhem, cada vez com mais carinho, para os ignorados valores, que são os humildes homens do mar!

Outono de 53

Olhanense

O preço da Sardinha

para a indústria

Segundo estatística da revista «Conservas de Peixe», os preços da Sardinha para conservas em molhos no mês de Setembro, foi o seguinte, nas lotas que vão mencionadas:

Portimão	4\$09
Lagos	3\$11
Matozinhos	2\$89
Vila Real de S. António	2\$80
Olhão	2\$66
Peniche	2\$51
Setúbal	2\$29
Lisboa	2\$00

Portimão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

atenção de quem competente recaia sobre as nossas observações e que não se façam esperar os meios para eliminar as anormalidades existentes.

Por exemplo... Temos a intrincada questão da iluminação do Largo do Dique e respectivas Avenidas. Evidentemente que se podem objectar razões imperiosas para justificação do desleixo a que está votada aquela parte da cidade. Mas nós o que gostaríamos, realmente, não eram explicações, mas, sim, disfrutar dos prazeres que a iluminação daria àquele local, a que o Rio-Arade empresta tanta beleza e agrado. Felizmente que, com a Feira de S. Martinho, a realizar breve naquele local, vamos ter o assunto quase solucionado... por uns dias. Depois... depois, claro está, fica tudo como dantes? Estará isto bem?

Outra questão é a daquele malfadado tapume que tanta tinta tem feito correr, que tenta encobrir uns prédios em ruínas sem o conseguir, e que só por si agrava ainda mais a estética do local. Situa-se o referido tapume num local de passagem obrigatória a quem nos visita e que dá acesso à Baixa da cidade e que, segundo parece, já ali permanece há um bom par de anos.

Ora aquilo tem todo o aspecto de «estar para durar».

Porém, como a nossa paciência não é tão forte como a rizeja dos paus que lá se encontram, parece-nos não ser demais pedir aos implicados no caso que tentem todos os esforços afim de dar cura aos males de que o lugar enferma, pois ninguém apoiará a ideia de se oferecer um «mau espectáculo» ao forasteiro que se desloca até nós, atraído pelos «slogons» do nosso Turismo.

Temos ainda que, além de todos os inconvenientes resultantes deste desleixo, a cena é imprópria para aquele local, sendo de uma resultante comparação às belezas que em Portimão se disfruta, comparação que o viajante desconhecido e ávido de novos panoramas e sensações sentirá nas suas primeiras impressões.

Não há dúvida que aquilo é um mau rótulo aplicado a um conteúdo delicioso.

Já é tempo de sairmos da sonolência, não acham?

Mas Portimão não é só a cidade em si. Portimão estende-se até às Cardosas, aglomerado de residências antiquadas e onde graças à iniciativa particular, têm surgido algumas modernas edificações. Também lá falta a iluminação pública e uma rede de esgotos capaz. O mesmo acontece na Aldeia da Boa-Vista, ou pouco mais distante, não obstante há tempo se terem iniciado os trabalhos de esgotos. Ah! esqueçiamo-nos: iluminação pública existe, «mas lá como cá...» deficiente!

Por hoje, aqui ficamos. Ao assunto voltaremos quando possível e até lá oxalá algumas das anomalias desapareçam, o que não constitui exigência e era bem bom.

A. S.

Prefira para os seus seguros a

COMPANHIA DE SEGUROS Império

(uma organização da C. U. F. a. l. Empresa da Península Ibérica)

AGENTE EM

Vila Real de Santo António

AURELIO DE BRITO CLEMENTE